

**OVÍDIO HOMENAGEIA OVÍDIO: (MAIS) UM EPIGRAMA
SOBRE O POETA (ARS AM. 3.341-346)?**

Ana Maria LÓIO
analioio@campus.ul.pt
Centro de Estudos Clássicos
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

RESUMO

Vários passos ovidianos podem ser lidos como epigramas integrados em obras mais extensas. Pretende-se analisar a interação de Ovídio com a tradição helenística de compor epigramas sobre poetas, propondo que *Arte de Amar* 3.341-346 possa ser lido como uma instância de tal interação.

PALAVRAS-CHAVE

Ovídio, epigramas sobre poetas, livros que falam, discussão poetológica.

Na minha tese de doutoramento – *Ego liber: livros que falam no epigrama latino*, Univ. Lisboa, 2012 –, estudei os epigramas latinos falados por livros¹: o epigrama prefacial dos *Amores* de Ovídio e, em Marcial, a *Batracomaquia* (14.183) e o prefácio do livro décimo (10.1). Ora, o discurso de primeira pessoa do livro é apenas um dos motivos que estruturam a tradição epigramática de homenagem a poetas². Proponho ler em Ovídio outros tipos daquela tradição, ou seja, apontar outro “momento epigramático” que apresenta, a meu ver, motivos e linguagem reminiscentes dos epigramas sobre poetas. Se é conhecido o caso do “epigrama” de cariz editorial que encerra *Tristia* 1.7, e que o poeta explicitamente identifica como o novo prefácio destinado às *Metamorfoses*³, outro passo pode ser lido como um epigrama sobre certo poeta – Ovídio.

¹ O epigrama prefacial dos *Amores*, Marcial 14.183 e 10.1 constituíram o tema da minha tese de doutoramento, *Ego liber: livros que falam no epigrama latino*, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2012. Para uma resenha dos epigramas que formam tal tradição ver L. Rossi, *The Epigrams ascribed to Theocritus*, Leuven, 81-104; P. Bing, “The Bios-Tradition and the Poet’s Lives in Hellenistic Poetry”, in R. M. Rosen – J. Farrell (edd.), *Nomodeiktēs. Greek studies in honor of Martin Ostwald*, Ann Arbor (Mich.), 1993, 619-31; P. Bing, *The Well-Read Muse*, Göttingen, 1988, 29-53, 58-64; P. Bing, “Theocritus’ Epigrams on the Statues of Ancient Poets”, *Antike und Abendland* 34, 1988, 117–23.

² R. Hunter, “Callimachus and Heraclitus”, *Materiali e discussioni per l’analisi dei testi classici* 28, 1992, 113-23; G. D. Williams, “Conversing After Sunset: a Callimachean Echo in Ovid’s Exile Poetry”, *Classical Quarterly* 41, 1991, 169-77.

³ Ver T. Ramsby, “Striving for Permanence: Ovid’s Funerary Inscriptions”, *Classical Journal* 100, 2005, 365–391.

Em Ovídio, a reflexão sobre a actividade literária passa muitas vezes pela comparação do poeta com grandes nomes das literaturas grega e latina, com os quais ombreia sempre, e não é raro que resulte em auto-homenagem⁴. Nestes contextos, o elegíaco exibe um gosto particular por fazer catálogos e listas de poetas⁵. É nestes catálogos que encontramos, sem surpresa, uma linguagem semelhante à dos epigramas gregos que temos vindo a estudar: em um breve “espaço” – um hemistíquio, um verso, um dístico –, Ovídio elogia os poetas referindo a glória que recai sobre a sua terra natal (*Am.* 3.15.7), o contributo de dado poeta para o desenvolvimento de determinado género (*Am.* 3.9.1-6, Tibulo e a Elegia; ver AP 7.37 e 39 sobre os contributos de Sófocles e Eurípides para a tragédia), a imortalidade que a obra outorga (*Am.* 1.15; ver AP 7.713 sobre Erina, AP 7.17 sobre Safo); é possível, ainda, que a caracterização do poeta o situe em uma determinada estética ou lembre um atributo do seu estilo (*Am.* 1.15.13-14, 19-20 sobre Calímaco e Énio; *Tr.* 2.423-24 sobre Énio, *Tr.* 4.10.43 sobre Horácio; ver AP 7.713 sobre Erina, AP 7.409 sobre Antímaco). No terceiro livro da *Arte de Amar*, Ovídio apresenta um catálogo dos poetas nos quais deve basear-se a cultura da *puella*. Em primeiro lugar, aconselha a leitura dos gregos Calímaco, Filetas, Anacreonte, Safo e Menandro (329-32); depois, sugere os elegíacos: Propércio, Galo, Tibulo. Seguem-se duas épicas latinas, a de Varrão e a de Vergílio (335-338). Ovídio deixa propositadamente para o fim deste breve catálogo a menção da *Eneida*, que surge como o culminar da poesia latina (338). Da obra romana mais famosa passa Ovídio directamente à sua: alvitra que possa vir a fazer parte desta lista de poetas imortais, ganhando um *nomen* que lhe permita ombrear com aqueles que acabou de referir (339-340). Mas o termo *forsitan*, à cabeça do verso 339, transmite uma humildade que os versos seguintes desmentem. Ovídio passa a apresentar argumentos em como a imortalidade legitimamente lhe pertence. Procura, no entanto, distanciar-se de tal juízo, imaginando que os comentários integram o discurso de um terceiro. Este orador, anónimo, há-de desempenhar o papel que coube a Ovídio, recomendando leituras. Agora, o poeta elegíaco encontra-se entre os autores cuja leitura é aconselhada:

atque aliquis dicet ‘nostri lege culta magistri
carmina, quis partes instruit ille duas:
deue tener libris titulus quos signat Amorum,
elige, quod docili molliter ore legas:
uel tibi composita cantetur Epistola uoce:
ignotum hoc aliis ille nouauit opus.’

(Ov. *Ars Am.* 3.341-46 Gibson)

⁴ *Amores* 1.15: Ovídio está entre os poetas imortais; *Amores* 3.9: Tibulo encontra-se na companhia dos poetas elegíacos no *Elysium* e Ovídio insinua que também ele estará entre aqueles um dia; *Ars Amatoria* 3.329-348: o poeta oferece uma lista de poetas gregos e latinos considerados fundamentais para a *puella* erudita, figurando ele entre aqueles; *Rem. am.* 757-766 (Ovídio regressa à lista referida): o poeta enumera os livros a evitar, e os amorosos à cabeça da lista, figurando os seus próprios livros entre eles; *Tristia* 2.363-468: Ovídio menciona os poetas que trabalharam o tema que o levou ao exílio, interpretando todas as grandes obras da poesia grega e latina como poesia amorosa; *Tristia* 4.10.43-54: Ovídio recorda poetas de cuja amizade goza, e o catálogo é, na verdade, um cânone dos poetas elegíacos; *Pont.* 4.16: Ovídio é, simultaneamente, um ‘clássico’ da Literatura Latina, uma vez que ele está ‘morto’, e um poeta contemporâneo, porque ainda está vivo.

⁵ Roy K. Gibson, *Ovid. Ars amatoria book 3*, Cambridge, 2003, 230; J.C. McKeown, *Ovid, Amores. A commentary on book I*, Liverpool, 1989, 394.

e venha alguém a dizer: “Cultiva-te e lê os versos do nosso mestre, com os quais quis ducar os dois partidos, ou escolhe, de entre os três livros a que deu por título *Amores*, aquilo que podes ler em paz, com voz suave, ou recita, com voz trabalhada, uma Epístola, género desconhecido de outros e que ele inventou.”⁶

Transformando estas palavras no discurso de um terceiro, introduzido pela expressão *aliquis dicet* (341), Ovídio torna mais fácil o reconhecimento de que estes versos são isoláveis como um epigrama. O número de versos dedicados às obras de Ovídio, seis, contrasta com o espaço dedicado aos outros poetas, que merecem, no máximo, um dístico (é o caso de Vergílio, 337-338). Ovídio é o referente de *ille* (342, 346), forma de deferência. Acrescente-se que as obras ovidianas não são meramente listadas. Se aceitarmos a lição de Gibson para o verso 343, *tener* – onde muitos desejam ler *tribus*⁷ –, cada obra é caracterizada mediante um adjetivo com conotações poetológicas. Assim, a *Arte de Amar* é qualificada como *culta... carmina* (341-2), termo apropriado, como indica Gibson, para designar a poesia que se ocupa do *cultus* (ver *TLL* 3.1692.35ss): a “eleganza curata nei minimi dettagli”⁸. O vocábulo *cultus* é utilizado em contextos de crítica literária (por exemplo, em Marcial 5.30.4 “cultis... elegia... comis”) e, na opinião de Gibson, pode aludir a Tibulo, que Ovídio qualifica dessa maneira duas vezes nos *Amores*⁹. Ovídio herda de Tibulo o papel de *magister amoris*, vinculando ao elegíaco a sua obra didáctica. Por sua vez, os *Amores* ostentam um *tener... titulus* (343); o adjetivo pertence ao mesmo campo semântico que *mollis*, designando a ligeireza e a musicalidade da poesia elegíaca¹⁰. Este passo é, ainda, um dos poucos testemunhos em como *Amores* poderá ter sido o título dado à colecção de elegias amorosas de Ovídio: com efeito, no v. 343, o poeta parece designar aquela obra quando refere “...libris titulus quos signat Amorum”. O aspecto mais polémico deste trecho diz respeito ao último dístico: “Vel tibi composita cantetur Epistola uoce:| Ignotum hoc aliis ille nouauit opus” (339-340). Primeiro, *cantetur... uoce* (346) aponta para que as *Heróides* se destinassem a ser, de algum modo, representadas. Depois, para nos fixarmos no aspecto pertinente para este estudo, o modo como o poeta se refere às *Heróides*, salientando a obra especificamente pela sua originalidade – “ignotum hoc aliis ille nouauit opus” (346) –, suscitou várias reflexões. É certo que, antes de Ovídio, já Lucílio, Catulo, Horácio e Propércio haviam composto epístolas poéticas, só que essas experiências epistolares não resultaram em uma obra integralmente dedicada a missivas de cariz amoroso; as *Heróides* merecem o estatuto de trabalho pioneiro, à partida, por serem o primeiro livro a reunir tais características. A questão é complexa e polémica¹¹.

⁶ Tradução de C. A. André, *Ovídio. Arte de Amar*, Lisboa, 2006, 89.

⁷ Síntese e bibliografia em Gibson, *Ars Amatoria* 3, 237. A lição *tribus* apoia os defensores de que a edição de *Amores* em três livros é anterior ao terceiro livro da *Ars Amatoria*. Gibson mostra que a lição *tribus* dificilmente será a correcta. Munari (*Ovidio. Amores*, Firenze, 1951, ix, n. 1) afirma que o título da obra está preservado em *Ars Am.* 3.343, mas na Idade Média aquela circulou com a inscrição ‘sine titulo’, ‘Ovidius sine titulo’, ‘De sine titulo libris’. Em alguns manuscritos, o título e a inscrição ‘sine titulo’ surgem juntos, como no Neapolitabus: ‘Liber Ovidii sine titulo qui vocatur amorum’.

⁸ I. Ciccarelli, *Commento al II libro dei Tristia di Ovidio*, Bari, 2003, 255.

⁹ *Ov. Am.* 1.15.27-8: *donec erunt ignes arcusque Cupidinis arma,| discentur numeri, culte Tibulle, tui*; *Am.* 3.9.65-6: *his comes umbra tua est; siqua est modo corporis umbra,| auxisti numeros, culte Tibulle, pios*. Gibson, *Ars Amatoria* 3, 237.

¹⁰ Ver também *Am.* 2.1.4, 3.1.69, 3.8.2, *Ars Am.* 2.273 e 3.333, *Rem. Am.* 757, *Tr.* 4.10.1 (Ciccarelli, *Tristia II*, 229).

¹¹ Vários estudiosos procuraram argumentos que apoiassem a originalidade das *Heroides*, desde a origem

Ora, enumerar as obras de um autor, reconhecer uma afiliação estética, reclamar a originalidade de certa obra e empregar vocabulário técnico característico das polémicas literárias, e isto em três dísticos que definem uma “carreira” – estas são as características que dão forma aos epigramas sobre poetas. Ovídio escreve o seu *curriculum*, e por meio daquele constrói a imagem que pretende que o público e a posteridade dele, e da sua produção poética, façam. Celebra-se como poeta de amor: as três obras mencionadas possuem algo em comum, “quod docili molliter ore legas” (344), ou seja, pertencem ao domínio do género definido pela *mollitia* e pela *docilitas*, que definem a poesia elegíaca.

BIBLIOGRAFIA

- C. A. André, *Ovídio. Arte de Amar*, Lisboa, 2006
- A. R. Baca, ‘Ovid’s claim to originality and *Heroides* 1’, *Transactions of the American Philological Association* 100, 1969, 1-10
- P. Bing, ‘The Bios-Tradition and the Poet’s Lives in Hellenistic Poetry’, in R. M. Rosen – J. Farrell (edd.), *Nomodeiktēs. Greek studies in honor of Martin Ostwald*, Ann Arbor (Mich.), 1993, 619-31
- P. Bing, ‘Theocritus’ Epigrams on the statues of ancient poets’, *Antike und Abendland* 34, 1988, 117-123
- P. Bing, *The Well-Read Muse*, Göttingen, 1988
- I. Ciccarelli, *Commento al II libro dei Tristia di Ovidio*, Bari, 2003
- Roy K. Gibson, *Ovid. Ars amatoria book 3*, Cambridge, 2003, 230; J.C. McKeown, *Ovid. Amores I*, Liverpool, 1989
- R. Hunter, ‘Callimachus and Heraclitus’, *Materiali e discussioni per l’analisi dei testi classici* 28, 1992, 113-23
- G. Hutchinson, ‘Ovid, *Amores* 3: The Book’, *Talking Books*, Oxford, 2008, 177-98
- J.C. McKeown, *Ovid, Amores. A commentary on book I*, Liverpool, 1989
- F. Munari, *Ovidio. Amores*, Firenze, 1951
- A. Nascimento (coord.), *Propércio. Elegias*, Lisboa – Assis, 2002
- T. Ramsby, ‘Striving for Permanence: Ovid’s Funerary Inscriptions’, *Classical Journal* 100, 2005, 365–391
- L. Rossi, *The Epigrams ascribed to Theocritus*, Leuven, 81-104
- G. D. Williams, ‘Conversing After Sunset: a Callimachean Echo in Ovid’s Exile Poetry’, *Classical Quarterly* 41, 1991, 169-77

das personagens e dos temas no passado mitológico à influência das *suasoriae* e da epístola properciana de Aretusa a Licotas (4.3); alegou-se, ainda, o carácter dramático e o cariz didáctico das *Heroides*; aprofundou-se uma perspectiva segundo a qual as inovações serão estilísticas, residindo na sensibilidade psicológica das heroínas ovidianas. Para uma síntese das interpretações do v. 346 ver A. R. Baca, ‘Ovid’s claim to originality and *Heroides* 1’, *Transactions of the American Philological Association* 100, 1969, 2-5.